

*Entrevista*



“A distopia de ontem é a realidade de hoje”:  
uma entrevista com Susana Bornéo Funck

Anselmo Peres Alós,

um dos organizadores da presente edição da revista *Letras*, entrevista Susana Bornéo Funck, professora aposentada da UFSC e uma das fundadoras do GT Mulher e Literatura da ANPOLL

**Anselmo Peres Alós (APA).** Professora Susana, eu gostaria, antes de qualquer coisa, de agradecer muito pelo seu aceite em conceder essa entrevista para o número especial da *Letras* que estamos organizando, centrada na temática *Corpo, trauma e memória na literatura e nas artes das Américas*. Essa temática dialoga um pouco com o trabalho que você desenvolveu ao longo de sua trajetória como pesquisadora. Por ora, entretanto, quero deixar essa possibilidade de diálogo em suspenso, e lhe solicitar para falar um pouco do início da institucionalização da teoria e da crítica literária feminista nas Universidades brasileiras, em especial no que diz respeito ao papel da ANPOLL e do GT Mulher e Literatura, já que muitos dos pesquisadores em formação nos Programas de Pós-Graduação em Letras atualmente não possuem essa dimensão histórica da formação e consolidação da área de investigação Mulher e Literatura no campo dos estudos literários no Brasil.

**Susana Bornéo Funck (SBF).** É um prazer, Anselmo, poder dialogar com você e, neste espaço, revisitar minha trajetória acadêmica e brincar um pouco de “testemunha ocular da história”, como no *Repórter Esso* da minha infância e juventude. Pois bem, quando ingressei na carreira universitária, em 1984, como professora de literaturas de língua inglesa na Universidade Federal de Santa Catarina, não havia na área de Letras nenhum interesse visível no que então era chamado “a questão da mulher”. Feminismo era uma palavra muito carregada, para não dizer um palavrão. A literatura ainda era vista como neutra em termos ideológicos, e o rigor teórico paralisava qualquer desvio para arenas não puramente estéticas, embora a crítica literária

feminista já estivesse mobilizada em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, após o pontapé inicial de Kate Millett<sup>1</sup> em 1970, a “política sexual” começava a matizar vários programas acadêmicos em maior ou menor escala. No Brasil, o tópico “mulher” aparecia apenas nas Ciências Sociais e, mesmo assim, muito timidamente. Vale mencionar aqui a importante contribuição da socióloga Eva Blay já na década de 1970 e dos quatro volumes de *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, publicados entre 1980 e 1984, pela editora Zahar, no Rio de Janeiro.

Por ocasião do I Encontro da recém fundada Associação de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL), realizado em Curitiba em 1986, houve uma reunião para a criação de Grupos de Pesquisa (GTs), da qual tive oportunidade de participar. Sugeri então “A Mulher na Literatura”, procurando um termo não muito agressivo ou perturbador. A aceitação foi ótima, e a colega Ana Lúcia Almeida Gazzola, já com boa experiência universitária na UFMG, aceitou organizar o GT como sua primeira coordenadora. A história do GT é longa e bem-sucedida<sup>2</sup>, trajetória que seria impossível resgatar neste espaço. Mas gostaria de sublinhar que foram muitas as mudanças em nossos aportes teóricos e metodológicos. Se, no início, nos pautávamos pelo resgate e pela representação, logo tivemos que negociar com novas correntes do pensamento feminista, como o conceito de gênero, a teoria *queer*, a interseccionalidade, as teorias decoloniais. E chegamos a um impasse: o nome do GT dá conta de todas as nossas pesquisas? Ou já estamos distantes daquela visão singular da “mulher” e da “literatura”? Esse é o debate que anima atualmente nossas discussões.

Queria ainda aproveitar a pergunta para falar, tão brevemente quanto possível, de uma atividade que se desenvolveu paralelamente ao GT: a dos seminários nacionais (internacionais desde 2003) *Mulher e Literatura*. Tudo começou em 1985, quando orga-

1 Autora de *Sexual Politics* (New York: Doubleday, 1969). Há tradução para o português: *Política sexual*. Trad. Alice Sampaio, Gisela da Conceição e Manuela Torres. Lisboa: Dom Quixote, 1970.

2 Uma retrospectiva do GT A Mulher na Literatura pode ser conferida em STEVENS, Cristina (Org.). *Mulher e Literatura - 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.

nizamos na UFSC, sob os auspícios da Fulbright, um encontro regional sobre Mulher e Literatura com a participação de três professoras visitantes. Ex-alunas nossas, professoras da UFPB, encamparam a ideia e organizaram, em 1987, o *I Encontro Nacional Presença da Mulher na Literatura*, repetido em 1988 na UFRGS (em Porto Alegre)<sup>3</sup> e, em 1989 (em Florianópolis). Com o enorme sucesso dessas primeiras edições, resolvemos intercalar o evento com os encontros nacionais da ANPOLL, visando a ampliação do público acadêmico, já que o GT se restringia a participantes de programas de pós-graduação. Já tivemos esse Seminário na UFF (1991), na UFRN (1993), na UFRJ (1995), novamente na UFF (1997), na UFBA (1999), na UFMG (2001), na UFPB (2003), na UERJ (2005), na UESC (2007), na Universidade Potiguar em Natal/RN (2009), na UnB (2011), na UFC (2013), na UCS (2015), novamente na UFBA (2017) e na UFS (2019). Pela amplitude geográfica e pelo grande número de publicações, em livros, anais e revistas dos trabalhos desenvolvidos nesses encontros, é de se enfatizar sua importância na consolidação dos estudos sobre a mulher e a literatura no Brasil<sup>4</sup>.

“A distopia de ontem é a realidade de hoje”

---

387

**APA.** Saindo desse contexto mais amplo da cena feminista na academia brasileira, você poderia falar um pouco da sua trajetória como pesquisadora no campo das literaturas de língua inglesa? Aproveito para destacar que foi a partir de seu trabalho que descobri a ficção de Angela Carter, que me acompanha até hoje. Também gostaria que você falasse um pouco sobre seu trabalho com a ficção especulativa e as narrativas distópicas de autoria feminina, uma vez que seu trabalho de pesquisa, salvo engano de minha parte, é anterior ao *boom* tradutório brasileiro de autoras como Margaret Atwood, Ursula LeGuin e Octavia Butler que estamos presenciando atualmente (no qual a paulistana Editora Morro Branco tem um papel considerável).

---

3 Os trabalhos apresentados na edição de 1988 foram reunidos e publicados em um número especial da revista *Organon* (volume 16, de 1989), da UFRGS, sob organização de Rita Schmidt. A edição completa da revista está disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/organon/issue/archive>>.

4 Para conhecer um pouco da produção bibliográfica resultante das atividades do GT Mulher e Literatura, bem como dos eventos daí resultantes, consultar <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/anais.html>>, bem como <<http://www.amulhernaliteratura.ufsc.br/livros.html>>. Ver também <[http://www.ieg.ufsc.br/livros\\_eletronicos.php](http://www.ieg.ufsc.br/livros_eletronicos.php)>.

**SBF.** Pois então, Anselmo, eu me descobri feminista quando fazia minha pós-graduação na Universidade do Texas em Arlington. Mas, devo confessar, fui uma feminista bastante relutante. Quando, em uma disciplina de história contemporânea, o professor me pediu uma resenha de *Sisterhood Is Powerful: An Anthology of Writings from the Women's Liberation Movement* (organizada por Robin Morgan, e publicada em New York, pela Handom House, em 1970), fiquei estarrecida com o radicalismo das várias autoras. Afinal, eu era casadíssima, mãe de duas crianças, trabalhava para poder estudar, e achei tudo uma histeria desmedida. Felizmente, a histeria é contagiosa. Ao iniciar meu doutorado, tinha me divorciado, participava de manifestações políticas, e resolvi fazer minha tese sobre uma mulher escritora. Mas isso não foi fácil, pois havia lido poucas obras de autoria feminina, e ninguém no corpo docente trabalhava na área. Por sorte, um professor que precisava desesperadamente aumentar sua cota de orientações me aceitou.

Ao retornar ao Brasil, comecei a ler mulheres. O livro de Sandra Gilbert e Susan Gubar (*The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the 19th Century Literary Imagination*. New Heaven: Yale UP, 1979) e a *Norton Anthology of Literature by Women* (1985), por elas editada, foram o impulso de que eu precisava. Mas, na verdade, eu queria trabalhar com autoras contemporâneas. E aos poucos fui descobrindo Kate Chopin, Sylvia Plath, Erica Jong, Margaret Laurence, Toni Morrison, Margaret Atwood, Marge Piercy, Angela Carter, Ursula LeGuin, Joanna Russ, Jeanette Winterson e muitas outras. Descobri também uma certa evolução nas narrativas. A maioria dos romances publicados nos anos de 1960 e 1970 buscava apresentar a experiência feminina sob uma ótica própria, compartilhando experiências, geralmente por meio de narrativas cronológicas e com final aberto. Havia pouca inovação. É o caso, por exemplo, de *The Bell Jar* (Sylvia Plath, 1963), *Surfacing* (Margaret Atwood, 1972), *Fear of Flying* (Erica Jong, 1973) e *The Diviners* (Margaret Laurence, 1974). A partir da segunda metade de 1970, começam a surgir posturas mais ousadas. Aquelas autoras/personagens que haviam aprendido a falar (ou “desaprendido a não falar”, como no poema de Marge Piercy), mas que ainda se

achavam presas a narrativas lineares e bem-comportadas, passaram a ousar – por meio da paródia, do grotesco e da utopia –, tomando posse e reescrevendo representações tradicionais de sujeitos femininos. Incluo aqui alguns poucos exemplos.

Começo com *Woman on the Edge of Time* (Marge Piercy, 1976), que foi uma grande revelação para mim. Mesmo já tendo lido as utopias clássicas, foi com esse romance que compreendi o valor transformador de imaginar um mundo em que as marcas de gênero são apagadas, as relações sociais são igualitárias e a natureza é preservada. E foi a partir dele que a ficção especulativa se tornou meu objeto de pesquisa. Já a paródia cáustica (mas divertida) de *The Passion of New Eve* (Angela Carter, 1977), que tem o “tornar-se mulher” como premissa básica, me mostrou como o mito pode ser subvertido para desmascarar as histórias pelas quais somos construídas. Também o irreverente *The Biggest Modern Woman of the World* (Susan Swan, 1983), a pseudo-autobiografia de uma gigante canadense, brinca com a veracidade dos fatos, colocando em xeque a tradição narrativa de auto revelação. Algo semelhante acontece em *Nights at the Circus* (Angela Carter, 1984), em que o picaresco é vertido ao feminino na narrativa de uma aeróbata alada em sua viagem rumo à Sibéria. Tanto a personagem de Susan Swan quanto a de Angela Carter são mulheres enormes, que não cabem na casa patriarcal e não se adaptam aos papéis domésticos, daí o burlesco circense e o insólito das narrativas. É como se os corpos sempre disciplinados das mulheres explodissem e se tornassem extravagantes. Nessa linha, os romances utópicos/distópicos de Margaret Atwood, Joanna Russ e Ursula LeGuin, principalmente, foram uma sequência lógica de meu interesse por narrativas de ruptura e transgressão. Só lamento que, apesar do *boom* de que falas acima, Piercy e Russ não tenham sido traduzidas para o português.

“A distopia  
de ontem é a  
realidade de  
hoje”

---

389

**APA.** Há hoje, no Brasil o desenvolvimento de uma demanda bastante significativa pela ficção especulativa de autoria feminina (seja ela explicitamente *científica* ou não), em especial aquela de acento distópico, que projeta ficcionalmente futuros próximos bastante sombrios, tanto no que diz respeito à equidade de gênero quanto no que tange a cenários

catastróficos e apocalípticos, tanto em termos políticos quanto em termos ambientais. *O conto da aia*, de Margaret Atwood, *Kindred*, de Octavia Butler, e *Herland*, de Charlotte Perkins Gilman, foram traduzidos e retraduzidos, e circulam bastante entre a nova geração de leitores. *Herland*, por exemplo, circula atualmente em duas reedições, por duas editoras diferentes. Você arriscaria algum caminho para tentar compreender a retomada da leitura e consumo dessas narrativas pelo público leitor brasileiro nesse momento histórico específico?

Anselmo  
Peres Alós

---

390

**SBF.** Ironizando, eu poderia dizer que a distopia de ontem é a realidade de hoje. Mas a questão é bem mais complexa. Historicamente, a ficção utópica – e eu não faço muita distinção entre utopia e distopia – tem surgido em épocas de incertezas político-ideológicas. Não foi por acaso que *1984* (George Orwell, 1949), com seu retrato de um regime político totalitário e repressivo, foi um sucesso de vendas após a eleição de Donald Trump. Parece bastante lógico, portanto, que no Brasil de hoje, gradualmente afastado de uma visão socialista, haja uma procura por esse tipo de ficção. Me pergunto, no entanto, por que traduções? Seria a ficção especulativa, especialmente a distópica, uma tradição literária anglófona? Na literatura brasileira, conheço apenas a utopia feminista de Emília Freitas, *A Rainha do Ignoto* (1899), em que uma sociedade alternativa e separatista, formada por “mulheres paladinas”, floresce na Ilha do Nevoeiro, no interior do Ceará, e empreende uma luta contra a opressão de gênero e o patriarcado. E aqui, esbarrando na minha ignorância, vou à Internet e descubro: sim, distopias brasileiras existem. No *blog* <[www.listasliterarias.com](http://www.listasliterarias.com)>, de Douglas Eraldo, encontro duas postagens sobre o assunto: 10 distopias brasileiras para você conhecer (02 de maio de 2017) e 10 recentes distopias brasileiras (12 de julho de 2018). Entre elas: *Não Verás País Nenhum*, de Ignácio Loyola de Brandão (1981), *Admirável Brasil Novo*, de Ruy Tapioca (2001) e *Ninguém Nasce Herói*, de Eric Novello (2017). Descubro, ainda, por meio da colega Constância Lima Duarte, o romance questionavelmente feminista e utópico de Adalzira Bittencourt, *Sua Excelência: a Presidente da República no ano 2500* (1919). Há também o conto distópico “Cidadela”, de Lyra Ribeiro, publicado em *Universo Desconstruído: ficção científica feminista* (Org. Aline Valek,

2013)<sup>5</sup>. Mesmo assim, muito pouco. Talvez tenha chegado a hora, nestes tempos de “menino veste azul e menina veste rosa”, de produzirmos mais utopias feministas.

**APA.** Uma das principais disputas na cena teórico-crítica feminista foi o debate (embate?) *essencialismo vs. construcionismo*, que (me parece) surgiu muito em função do embate *woman's studies vs. gender studies*, em especial no contexto intelectual anglo-americano. Atualmente, esse debate já não se organiza mais em torno de uma lógica radicalmente excludente, ao que me parece, em especial depois da discussão proposta por Gayatri Chakravorty Spivak em torno do gesto retórico que ela batizou de *essencialismo estratégico*. Gostaria de pedir que você comentasse um pouco o seu próprio movimento de circulação e/ou afiliação, ao longo de sua carreira, em torno desses dois polos: essencialismo e construcionismo.

“A distopia  
de ontem é a  
realidade de  
hoje”

---

391

**SBF.** Em artigo publicado na coletânea *Trocando Ideias: Sobre a Mulher e a Literatura*, por mim organizada (Florianópolis: UFSC, 1994), discuti a passagem da categoria *mulher* para a categoria *gênero*, mudança essa que para Elaine Showalter foi uma das mais marcantes nas Ciências Humanas e nas Letras na década de 1980 (Cf. Elaine Showalter. “Introduction: The Rise of Gender”. In: Elaine Showalter. *Speaking of Gender*. New York: Routledge, 1989. p. 1-13). Naquela época, ela já alertava para as consequências ambíguas dessa mudança. Por um lado, “gênero” dava maior credibilidade acadêmica à crítica literária feminista, ao incorporar também o masculino já que, como na Bíblia e na gramática, o feminino é sempre derivado e secundário. Por outro lado, a categoria *gênero* poderia voltar a direcionar a investigação para o centro, para a literatura consagrada ou *canônica*, e despolitizar a prática feminista. No meu entender, as duas coisas aconteceram.

Quanto ao essencialismo, não acho que ele tenha sido tão prejudicial, já que sempre soubemos que “não se nasce mulher”. Sempre soubemos, também, que mulheres de diferentes camadas sociais, etnias e orientações sexuais sofrem discriminações semelhantes em diferentes partes do mundo. O próprio termo

---

5 O livro pode ser baixado gratuitamente em <http://www.alinevalek.com.br/blog/download/3408/>.

*women's studies* da tradição anglófona é plural: *mulheres*. Também não é problema se a expressão foi traduzida como singular para o português, “a mulher”, pois linguisticamente o singular pode ser plural. Quando digo que “o gato é um animal doméstico”, estou me referindo a gatos de diferentes tamanhos, raças e cores. Nós, mulheres brancas e heterossexuais, tínhamos, sim, consciência das diferenças entre as mulheres e lidávamos com questões de raça, classe e diversidade sexual mesmo antes da interseccionalidade se tornar o conceito da moda. Afinal, pela complexidade do ser humano, podemos não ser interseccionais? Dois exemplos: em 1982, escrevi minha tese de doutorado sobre May Sarton, uma escritora imigrante e assumidamente lésbica; em 1983, Rita Terezinha Schmidt defendeu sua tese sobre a política de raça e sexo em Zora Neale Hurston.

Voltando à tua pergunta, no debate/embate entre *essencialismo vs. construcionismo*, fico com a argumentação de Diana Fuss (*Essentially Speaking: Feminism, Nature and Difference*. New York: Routledge, 1989), de que o próprio construcionismo é essencialista e de que a divisão entre essencialismo e construcionismo *não é sólida, já que uma essência pode se transformar e uma construção pode se tornar normativa*.

**APA.** Há uma faceta de seu trabalho menos conhecida (ao menos, era menos conhecida por mim), que é a pesquisa desenvolvida em torno de representações midiáticas e publicitárias, na linha da Análise Crítica do Discurso, que você desenvolveu ao longo do tempo em que atuou junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Católica de Pelotas. Seria possível comentar um pouco esse outro lado da sua produção, e as possibilidades de diálogo entre Linguística Aplicada, Crítica Literária e Estudos Feministas? Faço essa pergunta de modo bastante interessado, quase interesseiro, já que eu mesmo tenho assumido um discurso bastante crítico com relação à separação cada vez mais rígida entre Estudos Linguísticos e Estudos Literários, fomentada em certo sentido pela própria ANPOLL, e não raro acriticamente implementada e defendida pelos Programas de Pós-Graduação da área de Letras país afora.

**SBF.** Meu ingresso na Análise Crítica do Discurso foi acidental. Quando me aposentei pela primeira vez, durante o “terrorismo” institucional da era FHC<sup>6</sup>, em que ameaçavam retirar benefícios das universidades federais (sim, já aconteceu antes!), fui convidada a atuar no recém-criado Mestrado em Letras da Universidade Católica de Pelotas. Logo após meu ingresso, a área de concentração em literatura foi fechada por razões administrativas e financeiras. Pediram, então, que eu ministrasse uma disciplina sobre gênero e suas representações na mídia impressa. Gostei muito. Apesar de às vezes me achar envolvida em uma espécie de “prostituição acadêmica” ao abraçar uma nova área, me aprofundi nas teorias de Norman Fairclough, Günter Kress e Theo van Leeuwen, entre outros, e descobri que há muito em comum entre a análise do discurso e a crítica literária, fundamentalmente porque ambas lidam com a materialidade linguística e podem ter um cunho político e social. Existe até uma piada acadêmica que diz que a análise do discurso foi uma maneira que os linguistas encontraram para se apropriar da literatura. Mas o trabalho com discurso me exigiu também um conhecimento da multimodalidade e da gramática visual, essenciais para o letramento contemporâneo. E descobri como o uso da linguagem cotidiana pode cristalizar ou desestabilizar conceitos.

Trabalhei nessa área por pouco mais de treze anos, quando voltei para a UFSC em 2009.

Entre as pesquisas que mais despertaram meu interesse, destaco uma sobre revistas de decoração e outra sobre obituários. Na primeira, examinei a decoração de quartos para meninas e meninos, tendo constatado que no imaginário da arquitetura de interiores meninos gostam de objetos que se movimentam (trens, aviões, carros), que remetem a viagens (mapas e globos terrestres) e que lhes permitam agir (tocar guitarra, patinar). Suas camas são despojadas de qualquer conforto, e as cores predominantes são o

*“A distopia  
de ontem é a  
realidade de  
hoje”*

---

393

---

6 A entrevistada refere-se à política neoliberal do governo de Fernando Henrique Cardoso, também chamado Governo FHC, que teve início com a posse da presidência por Fernando Henrique Cardoso, em 1º de janeiro de 1995, e terminado em 1º de janeiro de 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva assumiu a Presidência da República.

preto, o azul e o vermelho. Já as meninas são confortavelmente acomodadas em macias camas rosadas, com desenhos florais e muitos babados, e suas atividades se restringem a bonecas, bichinhos de pelúcia e a assistir televisão. Exemplos perfeitos de como se constrói uma essência. Sinceramente, espero que isso esteja mudando.

Na pesquisa sobre obituários, descobri que há sexo após a morte. Os obituários masculinos exaltam a experiência profissional, os femininos enfatizam as qualidades humanas e sociais, mesmo que as mulheres tenham sido empresárias de sucesso. Os homens lutam contra a doença, as mulheres sucumbem a ela. Na vida (e na morte) real, as dicotomias entre feminino e masculino ainda são soberanas.

**APA.** Você atuou até recentemente (2014, se não me engano) como pesquisadora na UFSC. Não estou seguro se sua atuação foi restrita ao Programa de Pós-Graduação em Inglês, ou se você também atuou junto ao Instituto de Estudos de Gênero (IEG/UFSC). Seria possível comentar um pouco a organização e a rotina de trabalho do IEG? Até onde sei, ele é uma iniciativa ímpar, sendo um dos poucos (talvez o único) instituto interdisciplinar de estudos de gênero do país.

**SBF.** O IEG foi criado em 2005, sob coordenação de Miriam Grossi, para integrar e institucionalizar vários grupos e projetos de pesquisa, inicialmente apenas da UFSC, e desenvolver atividades interdisciplinares de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente conta com mais de 20 núcleos e laboratórios, entre os quais cito como exemplos o GECAL (Gênero, Educação e Cidadania na América Latina), o NeTrans (Núcleo de Estudos e Pesquisas de Travestilidades, Transgeneridades e Transexualidades), e o LABGEF (Laboratório de Relações de Gênero e Família). Academicamente, dá suporte à área de Concentração em Estudos de Gênero do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC, mas promove várias atividades abertas, entre congressos, cursos e oficinas, como o Seminário Internacional Fazendo Gênero, Cursos de Curta Duração em Gênero e Feminismo, Cursos de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola,

e a Oficina Potencialidades de Lideranças Femininas, essa última junto à Eletrosul. Também importante entre seus objetivos é a participação, articulada com movimentos sociais, na formulação e encaminhamento de políticas públicas.

Não tenho tido uma participação muito ativa nas atividades gerais do IEG, mas atuo na editoria da *Revista Estudos Feministas*, lá sediada. Convido a quem esteja lendo esta entrevista a visitar os sites do IEG<sup>7</sup> e da *Estudos Feministas*<sup>8</sup>, pois o trabalho realizado na área de gênero na UFSC é um dos mais respeitados na comunidade acadêmica brasileira. Mas há também que destacar o NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher) da UFBA, a única universidade brasileira a oferecer um bacharelado em Gênero e Diversidade e uma Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo.

“A distopia de ontem é a realidade de hoje”

---

395

**APA.** Recentemente saiu publicado seu livro, intitulado *Crítica Literária Feminista: uma trajetória* (Florianópolis: Insular, 2016). Gosto muito do livro, em particular do capítulo “O que é uma mulher?”. Gosto também (confesso aqui) de exercitar a imaginação, tentando saber a quem você se refere no pós-escrito a esse capítulo... Mas a minha questão é um pouco mais generalista: você poderia comentar um pouco a gênese, as escolhas e as discussões conduzidas por você ao longo desse alentado volume?

**SBF.** Quando fui aposentada compulsoriamente ao completar 70 anos em 2014 (a extensão para 75 só foi aprovada mais tarde), permaneci ainda algum tempo como professora voluntária, concluindo orientações e ministrando aulas. Mas a rotina burocrática e a crescente informatização da universidade (cada semestre uma plataforma nova, e o bendito Lattes para “cultivar”) acabaram por me convencer de que, após 52 anos de magistério, estava na hora de parar. No entanto, pressionada pelas leis da inércia, precisava parar aos poucos. Foi então que resolvi “formatar” as coisas esparsas que havia aprendido e produzido, buscar uma espécie de coerência ao trabalho realizado ao longo de 30 anos

---

<sup>7</sup> Cf. [www.ieg.ufsc.br](http://www.ieg.ufsc.br).

<sup>8</sup> Todos os números da revista *Estudos Feministas* encontram-se disponíveis em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/index>.

de atuação na universidade. De início pensei em selecionar uma publicação de cada ano, mas não funcionou. Houve anos em que publiquei pouco, outros em que fui mais produtiva. Então decidi escolher os 30 artigos que mais me agradaram. Foquei na literatura, que é minha paixão. E me surpreendi muito, tanto com o que achei bom, quanto com aquilo que desejei nunca ter publicado. Como muita coisa já estava ultrapassada teórica e conceitualmente, resolvi incluir comentários após cada artigo no sentido de atualizá-los e até mesmo criticá-los. Foi uma experiência muito gratificante, mas não sem dificuldades. Muitos dos trabalhos tinham sido escritos em inglês, e traduzir a si mesma para uma outra língua não é uma tarefa fácil, pelo menos não para mim. Outro problema foi o autoplágio propiciado pelo terrível “recorta e cola”. Tive que literalmente reescrever longas passagens. Mas valeu a pena. Fazer um livro é sempre um prazer estético. Não pude escolher a diagramação da capa, pois o livro fez parte de uma série (Estudos Culturais) da Pós-Graduação em Inglês da UFSC, mas a ilustração foi uma escolha minha, do acervo de uma aluna (Marina M. Amaral) da PGI.

As discussões conduzidas no livro ilustram literalmente uma trajetória pessoal, já que se são apresentadas cronologicamente. Começo pela poesia, primeiro tópico de crítica feminista que me interessou, sigo pela utopia e pelo grotesco nas literaturas de língua inglesa, passo pelo revisionismo dos contos de fadas e, nos mais recentes, tento duas coisas novas: teorizar um pouco mais (nunca fui muito teórica) e incluir algumas autoras brasileiras (talvez me sentindo um pouco culpada). Foi uma ótima experiência.

**APA.** Em seu intitulado *Explosão feminista* (São Paulo: Companhia das Letras, 2016), Heloísa Buarque de Hollanda faz uma leitura bastante otimista da retomada incisiva do discurso feminista, de modo mais horizontal, nas redes sociais, na mídia e entre as jovens brasileiras, particularmente no contexto das universidades e do Ensino Médio. Ela chega a batizar essa nova onda de “quarta onda feminista”, relacionando-a à disseminação da *internet* e das tecnologias digitais. De minha parte, tenho cada vez mais ido na direção oposta à de Hollanda, no sentido de ser bastante cético com relação a esse “Feminismo Facebook”, que me

parece rápido e ligeiramente superficial, com mais ares de produto para consumo em massa do que de dispositivo de tomada de consciência e desenvolvimento de pensamento crítico. (Talvez isso tenha a ver com minha personalidade, naturalmente cínica e pessimista). Como você vê esse fenômeno?

**SBF.** Embora não tenha lido *Explosão feminista*, estive com a Heloísa recentemente no *Seminário Mulher e Literatura* em Aracaju e a ouvi falar sobre o assunto. Meus comentários, portanto, podem não ser muito confiáveis. De qualquer forma, quero abordar em primeiro lugar essa história de “onda”. Moro em uma ilha e, quando vou à praia, fico a observar esse movimento de vai e vem, onda após onda. Mas nunca vejo a praia mudar. A paisagem é implacavelmente a mesma. Será que é isso que acontece com o feminismo? Talvez a “primeira onda” possa ser denominada assim, já que, alcançados os objetivos imediatos (o voto, por exemplo), a situação das mulheres não se alterou muito. Mas a “segunda onda” foi muito mais longe, como um maremoto. O movimento feminista realmente abalou a cultura ocidental, destruindo modos de pensamento e criando novas formas de estar no mundo. Não foi Stuart Hall que reconheceu o feminismo, junto com o marxismo e a psicanálise, como a grande revolução do século XX? O que se vê depois dessa “onda” são as reconstruções, inovadoras ou conservadoras, de uma praia destruída.

Retomando a ideia da “quarta onda”, apesar do reconhecimento de uma mudança radical de plataforma, vejo dois problemas: a fragmentação do movimento feminista e a falta de memória histórica. Existem feminismos negros, de periferia, LGBT+ e muitos outros, mas a ideia de *irmandade* parece ter se perdido no caminho. Um não escuta o outro e o outro também não quer escutar. Um pouco de “essencialismo estratégico” não faria mal aqui. O feminismo negro, por exemplo, não sabe que suas avós (bisavós?) da “casa grande” liam *Soul on Ice* (1968), de Eldridge Cleaver, com paixão e veneravam Malcolm X e Angela Davis ao mesmo tempo em que lutavam por causas “universais”. Até entendendo que isso possa legitimamente acontecer nos movimentos. Mas na academia é inaceitável. Quem lê Simone de Beauvoir hoje

“A distopia de ontem é a realidade de hoje”

---

397

em dia? Quem conhece Nísia Floresta e Heleieth Saffioti, que por sinal já trabalhava com interseccionalidade em *A Mulher na Sociedade de Classes* (Petrópolis: Vozes, 1976)? Quem lê Maria Firmina dos Reis? E questionam estudiosas brancas de escritoras negras quanto ao seu lugar de fala, como aconteceu com Sandra Almeida no último encontro *Fazendo Gênero* em Florianópolis. Confesso que estou cansada de ter de pedir desculpas por não ter nascido negra ou pobre ou homossexual.

De modo geral, como em outras tantas áreas, parece haver uma terrível superficialidade com “ares de produto para consumo em massa”, como tu afirmas acima. De qualquer forma, para bem ou para mal, todos esses movimentos rápidos e independentes têm o grande mérito de ter tirado a palavra “feminismo” do gueto ao qual por tanto tempo ficou relegada. Como tecnofóbica que sou, não posso avaliar o alcance das tecnologias digitais. Prefiro, como Jô Soares, permanecer uma influenciadora analógica.

**APA.** Frente a essa nova onda neoconservadora que aflige não apenas a política e a educação, mas também algumas dimensões mais íntimas (quase privadas) da vida das brasileiras e dos brasileiros, tenho notado posturas quase que diametralmente opostas por parte dos pesquisadores da área de Letras (particularmente dos estudos literários). De um lado, pesquisadores que dão um passo atrás e tentam não deixar tão explícita a orientação feminista de suas pesquisas. De outro, pesquisadores (e aqui eu me incluo) que fazem questão de explicitar ainda mais o acento feminista, antirracista, anti-homofóbico e socialmente referenciado de seu trabalho intelectual. Você poderia comentar um pouco essas estratégias intelectuais de sobrevivência/resistência no contexto das universidades brasileiras de hoje, delineando um pouco como são as suas próprias estratégias no que diz respeito a essa questão?

**SBF.** Como não estou mais na ativa e me relaciono quase que exclusivamente com feministas “de carteirinha”, não sei se poderei comentar sobre estratégias de sobrevivência nas universidades. Mas posso garantir que essa postura supostamente neutra não é nova, embora eu não tenha visto uma onda conservadora como a atual nem na ditadura militar (ingressei na universidade em 1964).

O que acontece, eu acho, é que vários pesquisadores pensam que estão fora da ideologia ao declararem, como na crítica literária, um rigor teórico e uma postura desinteressada, vendo a literatura como algo puramente estético. O que não percebem, e aqui cito livremente Terry Eagleton (*Ideologia*. São Paulo: Edusp/Boitempo, 1997)<sup>9</sup>, é que ideologia, como o mau hálito, é algo que só os outros têm. As histórias literárias, as antologias, os currículos, os planos de curso não são ideológicos? Por que então teóricas e críticas feministas têm, por pelo menos cinco décadas, se dedicado a resgatar escritoras que ficaram esquecidas ao longo dos séculos? O IEG da UFSC vem realizando uma série de palestras sobre mulheres na filosofia, que é de uma riqueza surpreendente. E tem muito mais a fazer. Meu grande sonho é que se produza uma história literária brasileira que inclua a autoria feminina e a autoria negra não como uma história paralela, e portanto, marginal, mas perfeitamente integrada aos textos canonizados da nossa literatura.

“A distopia de ontem é a realidade de hoje”

---

399

Quanto às estratégias de sobrevivência/resistência, acho que é só pela resistência que se sobrevive a longo prazo. Passei minha carreira universitária rotulada como a feminista de plantão (“se é coisa de mulher, fala com a Susana”), e não perdi nada com isso. Talvez tenha deixado de ocupar algum cargo em alguma agência de fomento ou na administração... sei lá... na verdade, nunca pensei sobre isso. Mas quando vejo o que minhas alunas e suas alunas (agora já doutoras) estão fazendo pelo feminismo, sei que a margem foi um território fértil. Quando acenderem a fogueira, quero estar lá com a Fernanda Montenegro.

**APA.** Em 2020, a UFSC sediará a 12ª edição do Seminário Internacional Fazendo Gênero. Trata-se dos maiores eventos de vocação interdisciplinar para a discussão de feminismos e estudos de gênero da América Latina, se não o maior. Pouquíssimas pessoas, entretanto, sabem que o início desse monumental evento se deu como um encontro de pesquisadoras da área de literatura. É quase com descrédito que pesquisadores de outras áreas (Filosofia, História, Saúde Pública, Enfermagem

---

9 O original em inglês foi publicado pela primeira vez em 1991.

e Psicologia, entre outras) miram-me quando afirmo que o Fazendo Gênero nasceu da pesquisa quase que exclusivamente feita, à época de sua primeira edição, por pesquisadoras da área dos estudos literários. A primeira edição do evento, em 1994, foi organizada pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC. Atualmente, entretanto, quando corremos os olhos nos Simpósios Temáticos do evento, o que vislumbro é um apagamento gigantesco da representatividade das pesquisas literárias no contexto mais amplo das pesquisas que se ancoram no feminismo e nos estudos de gênero. Confesso que isso me deixa um pouco frustrado. Mas há uma outra chave de leitura, menos pessimista: podemos ler aí o florescimento das perspectivas feministas e de estudos de gênero em áreas outras. Pergunto: como você lê esse “desaparecimento” dos estudos literários do panorama do Fazendo Gênero? Estaria eu sendo desnecessariamente pessimista?

**SBF.** Tens razão. O Fazendo Gênero foi gerado por Zahidé Mu-  
zart (fundadora da Editora Mulheres e organizadora da surpre-  
endente antologia *Escritoras Brasileiras do Século XIX*, em três  
volumes)<sup>10</sup> e batizado por mim, com expressão “roubada” de  
Maria Luiza Heilborn. Surgiu na literatura, mas foi interdisci-  
plinar desde seu início. Por razões administrativas e numéricas  
(éramos poucas pesquisadoras feministas na área de Letras), o  
evento passou a ser encampado pelo Centro de Filosofia e Ci-  
ências Humanas, com um maior número de departamentos e  
vocação interdisciplinar (antropologia, história, sociologia e  
filosofia). Conforme outras áreas eram infectadas pelo vírus fe-  
minista, a participação das Letras tornou-se proporcionalmen-  
te menor. Foram se juntando ao grupo pesquisadoras da área de  
saúde, especialmente da Enfermagem, da Educação, do Serviço  
Social, sem falar da Universidade Estadual de Santa Catarina  
(UDESC), com sua ênfase em Educação e Artes. Mais tardias fo-  
ram as adesões dos cursos de Jornalismo, Artes Cênicas e Direi-  
to. Soma-se a isso o fato de que nossa área não mantém uma  
relação direta com os movimentos, importante pilar dos estu-  
dos de gênero atuais. Temos, também, pelo menos dois grandes

10 MUZART, Z. L. (Org.) *Escritoras Brasileiras do Século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999 (volume 1), 2004 (volume 2) e 2009 (volume 3).

encontros nacionais: o do GT da ANPOLL e o Seminário Mulher e Literatura. De qualquer forma, tenho uma boa notícia. Parece que a literatura vem renascendo, já que temos 11 dos 192 Simpósios Temáticos do próximo Fazendo Gênero (em 2020), fora os mais gerais sobre Artes e Comunicação.

**APA.** Nos meus tempos de pós-graduação, mais especificamente quando eu estava começando meu doutorado (no início dos anos 2000), parecia uma tendência quase consensual nas Ciências Humanas deixar os termos “mulheres” e “feminismos” de lado, optando-se pela identificação das perspectivas teórico-metodológicas com a etiqueta “estudos de gênero”. Se por um lado isso permitia um alargamento das perspectivas, incluindo na pauta estudos sobre as masculinidades, bem como investigações sobre questões gays, lésbicas e (mais recentemente) transexuais, parece-me que corremos o grave risco de esquecer as lutas, as conquistas e os avanços específicos do feminismo e das lutas das mulheres (seja o feminismo entendido como uma postura epistêmica, seja ele entendido como uma agenda de luta no campo social). Mais recentemente, tenho observado que nem mesmo o termo “gênero” tem sido articulado, já que “corpos” e “afetos” são categorias que me parecem estar substituindo a própria noção de “estudos de gênero” (talvez na tentativa de despistar os rastreadores dos “ideólogos de gênero” de programas como o Escola Sem Partido). Em outras palavras, parece-me que por trás de cada avanço, há um retrocesso. Você poderia comentar um pouco como vê esse contexto?

**SBF.** Concordo que cada ganho envolva uma perda. E já comentei um pouco sobre isso anteriormente. Mas gostaria de ressaltar que há como que um renascimento do termo “feminismo” (geralmente no plural) em correntes recentes da teoria crítica feminista, como em ecofeminismo, feminismo pós-humano, feminismos transnacionais, feminismos decoloniais e feminismos interseccionais. A *mulheridade* é que parece não estar recebendo tanta atenção, como também já tive oportunidade de observar. Tenho notado, ainda, pouca referência aos estudos *queer* e ao que se costumava chamar de Sexualidades Subalternas, talvez esses, sim, articulados sob a rubrica de *corpos* e *afetos*.

“A distopia  
de ontem é a  
realidade de  
hoje”

---

401

Anselmo  
Peres Alós

---

402

Como sou um tanto avessa à filosofia e à psicanálise, não vou falar sobre corpos e afetos, já que não conheço bem os conceitos. Mas quero comentar sobre os “rastreadores” de que falas acima. Conheci muitos nos anos de chumbo. Nunca pensei que os veria novamente. Pior: acabo de ouvir a notícia de que vão ser criadas mais de duzentas escolas cívico-militares no país. Nem na ditadura vi algo semelhante. Mais do que nunca precisamos fortalecer os feminismos e os estudos de gênero tanto como postura epistêmica, quanto como uma agenda de luta no campo social. A academia e os movimentos, mais do que nunca, precisam dialogar.

**APA.** Susana, muito obrigado pela conversa. Espero que consigamos nos reencontrar ao longo do próximo Fazendo Gênero, em 2020. Muito obrigado!

**SBF.** Eu é que agradeço pela oportunidade de ter me “desapossentado” por algum tempo.